



HEMEROTECA
MUNICIPAL
DE LISBOA

ANAIIS DA ACADEMIA DE ESTUDOS LIVRES. UNIVERSIDADE POPULAR¹–
Periódico da propriedade da Academia de Estudos Livres, instituição fundada em Lisboa, no ano de 1889, «*por dois rapazes, então estudantes do Instituto Industrial e Comercial, Srs. Francisco Bartolomeu Rodrigues e Miguel Seixas, constitui-se desde logo como autêntica Universidade Popular*»²

Desconhecemos a data do lançamento da publicação pois a colecção da Hemeroteca só dispõe da 2.^a e 3.^a séries, como acontece com a de outras bibliotecas de referência (nomeadamente, Biblioteca Nacional, Bibliotecas Municipais do Porto e de Évora e Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra. Ainda assim, e tendo por base documentos do «Relatório da Direção e Parecer do Conselho Fiscal», do ano 1912-1913, que foi publicado nestes *Anais*, podemos afirmar que a 1.^a série terá existido entre 1898 e 1907-1908.³

A 2.^a série começa em Novembro-Dezembro de 1912 (N.º 1-2) e vai até Abril-Dezembro de 1914 (N.º 11-12). Foi continuada no ano seguinte (1915), pela 3.^a série, que totalizou dois números, um, de Abril (n.º 1) e outro, reportado ao ano 1915 (n.º 2). Embora o título sugira que estamos perante um periódico anual, o nome traduzia sobretudo a sua natureza histórica, já que quer por via do preçário, quer por conta dos números publicados, consta que punham como hipótese a publicação de 12 números num ano, o que nunca veio a acontecer: em 1912, estrearam-se com um número duplo; em 1913, saíram dois números simples e dois duplos (n.º 3, 4-5, 6, 7-8); em 1914, publicaram 2 números duplos (9-10 e 11-12); e em 1915, dois números simples, um, em Abril (n.º 1), outro, no final do ano (n.º 2). Pode considerar-se que os *Anais* terminaram de forma “abrupta”, pois os leitores não foram avisados, e até ficou pendente um artigo que estava a ser publicado de forma continuada.

¹ Disponível na Hemeroteca Digital, em:

<http://hemerotecadigital.cm-lisboa.pt/periodicos/AnaisdaAcademiadeEstudosLivres/AnaisdaAcademiadeEstudosLivres.htm>

² A história da Academia de Estudos Livres encontra-se resumida no preambulo do Projecto-Lei n.º 150-C, sobre a concessão de um subsídio à instituição, publicado no *Diário do Senado 1913-1914*, sessão n.º 22, de 14/01/1914, e reproduzido em «Documentos Apensos ao Relatório da Direcção da Academia de Estudos Livres. Ano 1913-1914», in N.º 11-12, 2.^a série, pp. [361]-377. Segundo o *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*, a Academia foi fundada por maçons, e esteve «sobretudo ligada à loja *Simpatia e União*», do Rito Escocês Antigo e Aceite, fundada em Lisboa em 1899, integrada no Grande Oriente Lusitano Unido. A *Grande Enciclopédia Portuguesa Brasileira* também dedicou uma “entrada” à Academia de Estudos Livres.

³ Conf. «Mapa demonstrativo da Receita e Despesa desde 1 de Janeiro de 1898 a 30 de Junho de 1913, in n.º 9-10, 2.^a s., pp. [306-307].

Como é comum neste tipo de publicações, as funções de diretor e editor eram asseguradas pela direção da Academia de Estudos Livres.⁴

À data do início da 2.^a série a Academia de Estudos Livres estava sediada na «Rua da Paz, 7 a S. Bento»; a composição e impressão dos *Anais* eram realizadas na Typographya Liberty, na Rua do Livramento, 88 e 90. A partir do n.º 11/12, Abr.-Dez., 1914, o endereço indicado da Academia passa a ser a «Rua da Emenda, 53 (Palacete)», na capital, e vem acompanhado de um número de telefone; e os *Anais* passaram a ser impressos na Imprensa Comercial, na Calçada do Caldas, 203.

Materialmente, é um periódico de pequeno formato (22 cm), com 60 a 100 páginas, que são cobertas por uma capa fina de papel de cor, onde consta a identificação da publicação, dos seus responsáveis, o preçário e o sumário; o verso da capa não era desperdiçado, contém sempre informação “útil” sobre Academia (movimento das aulas, catálogo de edições, programação agendada, etc.). No interior, o texto, impresso a preto, ocupa a largura das páginas, que são numeradas de forma continuada; ocasionalmente brindava o leitor com imagens, sobretudo fotos.

O preçário contemplava a assinatura (3, 6 e 12 números), que pesava menos na carteira dos sócios e subscritores da Academia, e o número avulso, igual para todos: 100 réis (ou 10 centavos, a partir do n.º 6 da 2.^a série).

PROGRAMA, CONTEÚDO E COLABORADORES

No artigo de abertura do N.º 1-2, dirigindo-se «Ao Público», explicaram ao que vinham (os negritos são opção nossa):

«Começa hoje a publicação da 2.^a série dos Anais da Academia de Estudos Livres. Não temos programa a expôr, porque a ideia que nos impulsiona está bem visível em toda a vida da nossa associação.

O alvo é – a educação do povo. De todos os meios legítimos usaremos aqui para conseguir este fim.

*Os Anais servirão para **registar todos os trabalhos dos nossos colaboradores, conferentes e professores** e justificarão assim, pela excelência da obra efectuada, a existência deste núcleo, que desde 1889 vem lutando a fim de conseguir fazer vingar o seu ideal.*

*Um dos pontos de que mais nos ocuparemos é **a história da Academia de Estudos Livres**. No arquivo temos elementos para esboçar o quadro da nossa actividade associativa a partir de 1897. Mas desde 1889 a 1897 a carência de documentos é,*

⁴ De acordo com os dois Relatórios de gerência publicados nos *Anais*, reportados a 1912-13 e 1913-14, a direção da Academia de Estudos Livres não conheceu alterações significativas, e os seus membros foram: ano 1912-13 – António Joaquim de Sá Oliveira (Presidente), António Francisco Marques, Francisco Bernardino Cardoso (Tesoureiro), Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves (Secretário da Direção) e Manuel Esteves Câmara; ano 1913-14 - António Augusto da Veiga e Sousa (Presidente), António Francisco Marques, António Joaquim de Sá Oliveira, Francisco Bernardino Cardoso (Tesoureiro), Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves (Secretário da Direção) e Manuel Esteves Câmara.

infelizmente, quasi completa. *Por tal razão torna-se muito difícil reconstituir a nossa história durante esse período.*

[...] *Na exposição dos trabalhos da Academia poderíamos seguir a ordem cronológica. Pensámos em tal, mas depois assentámos em que se apresentasse primeiro a resenha sucinta dos trabalhos realizados e se fossem publicando depois, pouco a pouco, aqueles que tivessem uma feição mais interessante e oportuna. Este processo permitirá mostrar ao público que muitas iniciativas, hoje apresentadas como originaes, são velhas d'alguns anos.*

*Dadas estas ligeiras explicações, resta-nos só meter mão á obra.»*⁵

Como o “editorial” de apresentação confirma, a revista *Anais* estava em grande parte focada no passado, na história da Academia de Estudos Livres, a fim de relevar o trabalho que vinha desenvolvendo em prol da «instrução popular». Propósito que aparenta ter uma natureza reativa a um certo “esmorecimento” da causa educativa, possivelmente derivado à crescente divisão dos republicanos, o que motivou a criação de movimentos e organizações “concorrentes” (Liga Nacional de Instrução, por exemplo). Daí a vontade (ou necessidade) de publicar os *Anais* e «*mostrar ao público que muitas iniciativas, hoje apresentadas como originaes, são velhas d'alguns anos.*»

Nesse sentido, grande parte sua substância distribui-se por uma série de secções e artigos avulso que têm por objeto o tema da Educação, enquanto “elevador social”, instrumento de doutrinação e motor do progresso da pátria, e da organização do ensino – do conjunto destacam-se as «Cartas Insubmissas», de Afonso Vargas (1859-?), que atravessam toda a 2.^a série, e «A moral na Escola», tese apresentada por Joaquim Cardoso de Sousa Gonçalves ao Congresso do Livre Pensamento, que reuniu em Lisboa, em Outubro de 1913⁶; que tratam de «Questões pedagógicas», como a prática da educação física, a organização de festas escolares, a higiene escolar, a luta contra o ruído, etc.; os benefícios da colaboração entre os diversos agentes educativos (públicos e privados); que reportavam experiências educativas e pedagógicas desenvolvidas pela Academia de Estudos Livres nos estabelecimentos de ensino que geria (Universidade Popular, Escola Marquez de Pombal e Escola Maternal) e promovidas por outras instituições congéneres, quer nacionais (ex.: os Asilos femininos de Lisboa), quer estrangeiras (ex.: «Universidade Popular Adão Mickiewicz», na Galicia, Polónia; a «escola ruskiniana»⁷ e a «Escola Cornelio Saavedra de Buenos Ayres»⁸); publicavam “extractos de lições” de cursos de divulgação científica organizados pela Academia, como o «Curso de História Universal», pelo professor José Agostinho Fortes (1869-1940)⁹, o «Curso Livre de Química Elementar», pelo dr. Artur Cardoso Pereira (1865-?)¹⁰; também faziam notícia

⁵ Conf. N.º 1-2, 2.^a s., pp. 1-2.

⁶ Conf. N.º 7-8, da 2.^a s. e N.º 1 e 2, da 3.^a s.

⁷ Conf. N.º 1-2, 2.^a s.

⁸ Conf. N.º 1-2 e 9-10, 2.^a s.

⁹ Conf. N.º 3 e 4-5, da 2.^a s.

¹⁰ Conf. n.º 4-5, 6 e 7-8, da 2.^a s.; e n.º 1, da 3.^a s.

da oferta programática da Academia, que incluía conferências, sessões literárias, excursões ao estrangeiro, visitas de estudos, concertos, festas, edições, etc.; e mantiveram durante algum tempo uma secção literária, «*Contos da Minha Terra*», de Morão Encarnação¹¹; outra de «Bibliografia», dedicada sobretudo à literatura pedagógica.

A presença da Academia de Estudos Livres nos Anais ficou também assinalada por uma reportagem sobre a cerimónia comemorativa do seu 25.º aniversário, que já decorreu sob «a imagem sinistra da Guerra»¹²; pelos já referidos Relatórios de gerência (1912-13 e 1913-14), que incluem informação valiosa sobre a vida administrativa e financeira da instituição, e sobre as suas relações com outras organizações e com o poder político.

Destrinçando os oradores das conferências e cursos publicados nos *Anais* dos colaboradores “de facto”, ainda que pontuais, aos já aqui referidos há a acrescentar o nome de: Afonso Lopes Vieira (1878-1946) que redigiu um artigo sobre «Festas escolares» (N.º 4-5, 2.ª série); Albertina Santos Cordeiro, diretora da Escola Maternal (N.º 7-8, 2.ª s); A. Alfredo Alves que “visitou” os «Asilos femininos» de Lisboa¹³; [Francisco] Moraes Manchego e António Augusto da Veiga e Sousa (1857-1953) que assinaram vários artigos para a secção «*Questões Pedagógicas*»; e João Ribeiro Cristino da Silva (1858-1948) que assegurou em grande parte as secções «*Conferencias e palestras*» e «*Excursões e visitas*».

Lisboa, 8/01/2019

Rita Correia

BIBLIOGRAFIA

Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira. Lisboa/Rio de Janeiro : Editorial Enciclopédia, 1978.

MARQUES, A. H. de Oliveira - *Dicionário de Maçonaria Portuguesa*, Vol. I e II. Lisboa : Delta, 1986.

NÓVOA, António, dir. - *A Imprensa de Educação e Ensino: Reportório Analítico (séc. XIX-XX)*. Lisboa : Instituto de Inovação Educacional: 1993.

¹¹ Conf. N.º n.º 1-2, 4-5, 7-8, da 2.ª s.

¹² Conf. N.º 11-12, 2.ª s.

¹³ Os Asilos referidos são: Asilo D. Pedro V, Asilo do lumiar, e Asilo de Santo António, no N.º 4-5, da 2.ª s.; Casa-Mãe de Benfica; Asilo de N.ª Senhora da Conceição para raparigas abandonadas; Recolhimento de S. Pedro de Alcântara; Escola Profissional (Convento de Santa Clara) e Asilo da Ajuda, no N.º 6-7, 2.ª s.

SAMPAIO, J. Salvado – *O Ensino Primário (1911-1969)*. Lisboa : Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica, 1975, vol. I.